

Vidas de Alguns Craôs

Informações recolhidas por Julio Cezar
Melatti, 1962 a 1971, com alguns
comentários do mesmo pesquisador

Brasília
2011

Vidas de alguns craôs

Julio Cezar Melatti

Prólogo

Não se trata de histórias de vida. São apenas breves relatos que, se tivessem sido persistentemente continuados, poderiam vir a ser considerados como tal. Mas ficaram apenas num brevíssimo início de conversa.

A única mulher a quem solicitei um desses relatos não era craô, mas de origem xerente e, ao que parece, nascida fora de aldeia indígena. Estava entre os craôs havia pouco tempo.

Algumas modificações foram feitas no texto das anotações. Assim, o nomes pessoais foram escritos conforme a grafia comumente utilizada pelos craôs, de modo a lhes facilitar a leitura, se algum deles a fizer. Observações entre parêntesis são das anotações originais, mas aquelas entre colchetes e as notas de pé de página foram acrescentadas no ato da transcrição. Números entre chaves identificam as pessoas na lista divulgada [aqui](#).

Aniceto {10}

Folhas avulsas, 1962.

Nasceu na tapera velha no rumo do Jaó. Chama *Pycô*. Era aldeia grande. O chefe era Feliciano {1195} e também o Vicentão {1020}. Depois mais tarde a aldeia veio para o lugar onde está [a aldeia d]o Marcão. Aí era do tamanho do *Quinquin* {15} [uns 7 anos de idade]. Foi para uma aldeia nova como daqui na porteira do Dodanin. Era do tamanho do *Crîxà* [José Miguel] {14}. Depois a aldeia mudou para o Riozinho (era Hintxuarekate o nome). Era do tamanho do *Casiat* {17} [uns 16 anos de idade]. Depois a aldeia mudou para perto do Marcão. Era do tamanho de *Cuhêquê* [Martim] {73} [uns 17 anos de idade]. A aldeia mudou para pertinho. Era do tamanho de *Cuhêquê*. Nesta aldeia Aniceto foi preso [entrou em reclusão]: era a festa do *Pêmpjê*. Passou “cinco anos” sem andar na rua. Aí fizeram a festa e o puseram para fora para o rumo do ribeirão para banhar o dia todo e a noite toda para enfeitar. Aí o enfeitaram todos de penas de periquito, de gavião. Aí acabou. Nesse tempo Aniceto já é homem; era como Hahàcre [José Cadete] {89} [uns 20 anos de idade]. A aldeia mudou para o rumo do João Vidal. Nesta aldeia Aniceto já tinha noiva, a que atualmente é mulher de [João] Paulino {181}. Chama-se Hacoc {182}. Daí Aniceto viajou para o Maranhão com Gabriel Velho {33}, o Patrício {1}, Aniceto Velho (*Côham* {1025}, morreu aqui e era marido de Krampéi {79}), e com o irmão mais velho *Cuhêquê*, Paulino (*Cahi*, recebeu nome de Patrício {1}), *Xêpjaca* [João Borges] {215} (da aldeia do Marcão), *Teptyc* [Esteves] {268} (aldeia do Ambrosinho), *Apyhi* [João Delfino] {201} (na aldeia do Marcão), *Xap* (morreu), o finado João Silvano (*Crâjê*t {1007}). Foram para o Maranhão atrás de ferramenta, espingarda. Foram a pé até o Croatá {Coroatá} e daí de trem até S. Luís. Passaram por Piacá [Goiatins], Riachão, Balsas, Mangabeira, João Domingos, Pastos Bons, Floriano, Aroeira [Oeiras?], Espico [Picos?], Teresina, Caxias, de Caxias de caminhão até Croatá, de Croatá trem até S. Luís. Arranjaram comida com prefeito, delegado, cabo, sargento, com morador no caminho. Chegaram a S. Luís de manhã. Aí Gabriel foi ao Palácio. O governador era Dr. Machado. Os outros ficaram no quartel da polícia. Gabriel pediu as coisas e ele prometeu de dar

espingarda, ferramentas etc. Ofereceu espingardas velhas e os índios não receberam. Queriam novas. Foram ao Palácio. Disse que não tinha espingardas novas. Aí ficaram até cinco dias. Deram 10 facões, 10 machados, 10 enxadas, três peças de pano, 200 calças e camisas. Aí vieram para a aldeia. De trem. Saltaram em Croatá. Daí a pé. Passaram na aldeia dos Canelas (Porquinhos). Aniceto e Paulino ficaram lá e os outros vieram embora. Passaram cinco dias. Viajaram para a Bahia. Paulino chorou no meio do caminho e voltou com saudade da mãe (já era rapaz). Ele é besta. Aniceto continuou com *Rôpro* (canela): é o Capitão João. Foi também *Tepjêt* (canela) e mais duas mulheres: *Crôatam* {28}, índia moça, atual mulher do Francisco {27}, da casa 5, e morava nos Porquinhos; e *Puquin* (canela), mulher de *Tepjêt*. Foram a pé. Passaram dois meses para chegar em Floriano. De Floriano foram de ônibus (arranjado pelo prefeito de Floriano) e foi até o Remanso, já o rio [São Francisco] de Juazeiro da Bahia. Do Remanso foram de vapor para Juazeiro. De Juazeiro a pé até Morrinhos e daí de trem até Salvador. O delegado de Morrinhos que arranhou passagem de trem. Chegaram no Salvador de noite. Era governador o Juracy Magalhães (era moço). Há poucos dias Aniceto ouviu falar nele. Chegaram lá. Juracy era muito bom. Mas já tem encarregado de nós lá, que era o Major Estêvão. Os soldados os levaram para o Palácio. O Juracy Magalhães falou: “Não é comigo não; só pode com o Major Estêvão; é ele que está sendo encarregado de vocês. Aí foram a ele. Aí chegaram lá estavam general, coronel, era tudo. Aí perguntaram. “Por que vocês vieram viajando de longe.” Aí o finado João que gosta de enganar disse: “Nós somos de Goiás.” Disse que era craô. “Vocês vêm de muito longe. Vêm a pé.” “Viemos. Estamos com quatro meses de viagem a pé.” O Major Estêvão: “Bem, eu já sei o que vocês querem; querem todas as coisas, facão, espingarda, miçanga, pano, machado. Pois bem, eu vou escrever.” Aí escreveu. “Agora vocês vão arrancar no quartel de tiro.” Quem estava dando a bóia para eles era tenente: era muito, era carne de boi, era de porco, era de peixe, café com pão, doce, goiabada, tudo o tenente dava para comer. Aí quando foi domingo, segunda, terça, aí mandou telefonar para o tenente que levou ao capitão: “Agora nós vamos para o armazém do governo.” Chegaram lá tinha muita coisa. Mandaram escolher espingarda. Cada um tirou duas espingardas (de carregar pela boca): era prussiana. “Podem dizer o que querem e tirar.” O capitão disse que queria forma de cobre para fazer farinha. “Eu quero logo.” “Não, espere, escolham aqui primeiro.” Ganharam prato, colher, rede, coberta, rede, sapato: o armazém é do governo, ele mandou para nós tirar. Cada um tirou quatro caixas de sabonete, garfo, faca de mesa, colher, miçanga. Arrumou tudo. Arrumou máquina de costura (para a mulher de *Tepjêt*). Despachou. Deu dinheiro ao capitão para repartir para o pessoal (10.000). “É para você repartir, não é só para ficar para você.” Eu sou besta, deram 10.000 para o Capitão João, pronto, ele pôs no bolso, acabou-se. Às 14 horas os carregadores levaram a bagagem para o navio. Mais tarde veio um ônibus (uma perua) para levar para ir ao cais. Aí embarcaram às 17 horas para Recife. Ficou em Recife. Os outros vieram de trem, Aniceto mandou as coisas pelo João para entregar para sua mãe, mas João não entregou. Ficou em Recife porque não se estava bem com João. Aí não disse nada. Só disse que ia ficar. “Não quero mais viajar com você.” “Por que?” “É por que eu não quero! Não é por mal; é só que eu quero ficar.” Dr. Munguba [pouco legível], que já estivera no Vão do Zacarias com Dr. Jaime. Encontrou na rua. Estava lá na delegacia. “Você está por aqui.” “Vim só mesmo passear.” “Como vai o Feliciano?” Perguntou pelos cabocos velhos tudo. Aí lhe falou que ia para a casa dele para entrar no colégio. Aí ficou lá. Passou lá três anos. O governador em Recife era “Cagamenon”. Aniceto viveu bem, era gordo, não estava sentindo nada, era sadio. D. Maria ensinava Aniceto a ler. Ensinava junto com os meninos. Quando Aniceto entrou para o A-B-C só com três dias saiu do A-B-C, foi para a cartilha. Passou a meninada toda logo! Botou para trás.

Aí estou passando bom mesmo, passando meninada, aí eu fui para a cartilha, aí pronto, passou menino tudo.

Não ganhava dinheiro. O diretor dava dinheiro para pagar a costura da roupa. Fizeram quatro uniformes para ele. Sapato preto, meia marrom, calça de cáqui, camisa de cáqui, quepe de cáqui. O diretor mandou cortar o cabelo. Ele deixou não quer ficar de cabelo comprido no meio de cristão. Quando é para viajar deixa, porque o governo conhece logo que é índio. Se cortar, você não é índio não, você é cristão, não ganha nada. E não se pode dizer nada, porque é o chefe maior que diz isso. Aprendeu a ler. Se não tivesse casado com cunhã, sabia de tudo; hoje seria médico. Estava estudando para ser médico. Mas deu saudade da mãe. Aí pediu passagem ao diretor. O diretor queria que estudasse uns quatro anos para aprender mais um pouco. “Mas como você quer ver tua mãe, vai e depois volta.” “Depende, porque o transporte para cá é difícil; não volto mais não.” Aí o diretor tirou passagem. Deu-lhe papel, arrumou tudo, comprou rede, porque Aniceto não tinha rede, porque dormia na cama. Comprou sapato, chapéu, cinturão, chinelo, gravata bonita, encarnada de seda mesmo. No dia da saída a mulher fez mesmo a bóia para ele. Comprou dois requieijão. Aí às oito horas da noite saiu de Recife de navio. Passou oito dias no navio para chegar a Belém. Em Belém passou uma semana, estava com vontade de ver a mãe, não demorou não. Foi para a casa do encarregado de outro colégio em Belém. Apresentou-lhe o papel (era o Dr. Johnson). Naquele tempo era de outro jeito, não é como hoje não, tinha chapéu na cabeça. Foi para Tucuruí de vapor. Depois veio no motor até Boa Vista [Tocantinópolis]. Foi para a aldeia [apinajé] de Bacaba. Aí passou tempo lá. Aí a avó de Benvinda {11} falou com ele para casar com ela. Passou três meses e casou com ela. Foi quando chegou lá na casa de Benvinda. Conheceu em Boa Vista. Perguntou se tinha noiva. Se dissesse que tinha, não casava não. Aí nem estava lembrando mãe; barrou sua viagem. Estava trabalhando na roça. Ficou lá morando. Veio sozinho ver a mãe. A aldeia, chegou na aldeia de Cabeceira Grossa; lá mesmo mandou chamar a mãe, que foi com Kumtumkwôj {6} [irmã de Aniceto]. A aldeia daqui estava no Posto. Era chefe o Marcão. Depois voltou. Passou lá nos apinajés vinte anos. Veio para cá porque sua filha moça veio. Estava com o pé doente. Aniceto veio e levou [pouco legível] o Aleixo, o Chiquinho e o *Apyhi*.

Minha filha estava doente da perna; aí eu veio para trazer para tratar aqui. Cheguei aqui ela ficou boa da perna. Aí eu não vim logo não; depois, mais um tempo, aí que eu vim atrás dela; aí eu vim aqui, minha mãe e tio tudo mora aqui e por isso eu vim para cá outra vez. Benvinda não gostou não. Ela lembra da terra dela; uma dia lembra, quer voltar; mas eu disse para ela que não volto mais não; mas um dia vou lá visitar o irmão dela lá. O irmão dela mora lá. É o João Nindô. Benvinda tem muito irmão, irmão não, primo tem muito. Veio tudo de uma vez: Benvinda {11}, Juarez {163}, finada Naíde tia de Benvinda, a mãe de Benvinda, Dalva {12} e sua filha {16}, Pina {13} também. O marido de Dalva era Salomão, lá em Boa Vista; depois casou com Clóvis (*Pôhytor*) {144} aqui mesmo. O filho de *Xôpro* é de lá de Boa Vista. Quando Aniceto chegou lá já tinha *Xôpro* {12} se separado de Salomão. Pascoal {38}, *Quinquin* {15} tudo nasceu lá em Boa Vista.

Quando estava em Boa Vista foi até S. Luís com Pedro Savito [pouco legível] (índio apinajé). Lá o Dr. Xerez, da Inspetoria do Maranhão arrumou espingarda para os dois. Disse que eram do Morro do Chapéu. Xerez disse: “Não tem aldeia no Morro do Chapéu.” “Tem.” Aí foi apanhar o mapa. “Não tem aldeia não: tem aldeia do Cracati, Caboré, Raposa. E que vocês querem?” “Eu quero espingarda.” “Eu não dava espingarda para você não porque você vai trocar por cachaça, fazer besteira no caminho.” “Não, Dr., não faz assim comigo não; eu não venho todo o dia abusar de você.” “Eu vou dar, mas não vai vender não. Pode dar e mandar telegrama para Barra do Corda.” Aí me deu

espingarda, lanterna; deu para o outro também. Deu um facão para cada um, machado, enxada. Agora, não deu pano. “Não dou mais roupa para você não; vocês já estão domesticados; com estas ferramentas vocês trabalham, ganham dinheiro e compram roupa.” “ Eu só vim buscar espingarda; com a espingarda que você me dá eu vou matar um jaó no caminho.” Aí viemos embora e chegamos a Boa Vista.

Depois que chegamos a esta aldeia fomos para o Natal. Benvinda foi e mais Juarez, Pascoal, Sacramentinho (*Pãhàcre*). Quem lhe deu este nome foi o padrinho dele que o batizou na Bahia. Pascoal caiu do caminhão no caminho de Pastos Bons e “desmintiu” a perna. Ficaram dois meses na casa do filho de Dona Josefa. O delegado dava carne; outro dava arroz, outro dava feijão. Compraram quatro penicilina. Um homem bom passou pomada de penicilina. Com cinco dias melhorou. No sexto dia já estava procurando passagem. Foram de caminhão até Patos; daí foram de caminhão até Floriano; daí de caminhão a Aroeira [Oeiras?]; de caminhão até Picos; de Picos num caminhão grande foram ao Inguatu [Iguatu]. No Inguatu pegaram trem até Souza; em Souza em outro trem foram até Mossoró. No Mossoró pegaram expresso e chegaram em Natal. Arranjaram passagem os delegados, prefeitos. Arrumaram passagem e bóia. Em toda a cidade arranchavam no quartel. Porque o soldado... Quando tem que ir para rua o soldado é que anda mais nós, levando nós. Fomos ao Rio Grande para conhecer para chegar para contar. Como tu veio para cá: tu vai para o Rio e vai contar tudo o que viu. Ficaram em Natal dois meses. Em Natal tinha uma casa grande; dizem que é do governo; toda a pobreza vai dormir lá; foi lá que nós estávamos. A Benvinda comia lá, mas tomava-se o café lá, mas almoçar ia-se fora, a convite dos outros. Ganhamos muita coisa: uma espingarda, um facão, duas latas de pólvora e chumbo, espoleta, isso que deram no Grupo Caçador [pouco legível]. O governo grande só deu quatro contos para nós e deu passagem de avião. É porque o governo tem obrigação de dar. Benvinda diz que lhe queriam dar uma máquina, mas ela não esperou porque estava com saudade do *Quinquin*. Deram-lhe muita brilhantina, lata de pó, pasta de sapato boa. Benvinda não gostou de usar roupa.

De Natal de avião vieram saltar em São Luís. De S. Luís de ônibus vieram saltar em Pedreira. Em Pedreira vieram no chão até aqui.

Ropcur [José Nogueira] {56}

Folhas avulsas, 1962.

Sua mãe era só uma. Era *Pôcôho Iprêmp Têjor* {1191}. Seu pai era Agostinho *Jôr Côm Irãjaca* {1013}. Tinha muito pai. Craô é assim mesmo. Quando meu pai casou com a minha mãe, eu estava na barriga de sua [minha] mãe. Quando nasci minha mãe contou meus pais: Patrício {1} ajudou de fazer; Pedro Noletto {65} ajudou; finado Simeãozinho (*Jawiw* {1123}, de Cabeceira Grossa) ajudou; Vicentão {1020} também. Nasceu na aldeia de Crowcô Cawe (é esta aldeia mesmo). Nasceu quando Vicentão era capitão. Minha mãe criou na aldeia, lá no João Vidal (esta mesmo); lá que minha mãe morreu. Minhas avós me criaram (*Carcô* {1217} e *Pĩhô* {1253}). Aí no tempo de Santiago e Mundico, as duas avós ou melhor¹. Primeiro casou com *Mrãjti* {57}, depois que Pedro Colina {145} a largou. *Pĩhô* (mãe da mãe da mãe?²) lhe falou para casar com *Mrãjti*. Joaquim {106} [filho de *Mrãjti*] já tinha nascido, estava mamando. Aí casou com ela e foi para o Galheiro ajudar o tio dela (João Noletto {497}). Foi ela que me criou. Aí suas avós acabaram na bala de Mundico Soares. Eu a criava também, eu fazia rocinha para ela;

¹ Frase incompleta. As duas avós foram mortas no ataque de Santiago e Mundico às aldeias craôs em 1940.

² *Pĩhô* era irmã de *Carcô*, que era mãe de *Iprêmp*. Portanto era irmã da mãe da mãe de *Ropkur*.

eu estou sustentando ela. Ela é que está sempre me dando de comer, tratando eu, eu também estou fazendo rocinha para ela.

Aí eu não tinha medo de nada. Quando agora que eu estou na idade madura, as coisas começou e eu fiquei variado. A mulher agora está com “borrici” comigo, não está com “borrici” não, está assim... No tempo de rapaz eu não sentia nada, mas hoje... eu não sei como é que eu vou escapar com esta doença.

Fiz *Pêmpcahàc* muito. Desde pequeno que fez *Pêmpcahàc*. Fez também *Ikrere*. *Ikrere* é só uma vez. Fez *Ikrere* lá no [ribeirão] João Vidal. No tempo de Ambrósio Velho {1092} é que foi para o *Ikrere*. Faz-se uma casa dentro da casa mesmo, bem tapadinho e bota-se o rapazinho dentro. Aí está preso. Não sai para o sol. O povo dá comida. Quando quer mijar, sai, mija e volta. Quando quer banhar, os parentes apanham água e aí banha. Pode comer toda comida. Não pode trabalhar. Passa um ano (?) assim, ou melhor, duas luas. Aí você já vai engrossando. Prende-se assim para ficar homem logo. O rapaz que está no *Ikrere* é *pempcahàc*. Quando sai não é mais *pempcahàc*.

Foi ao Gurupi com o Lourenção {75}. Iam a Brasília, mas voltaram do Gurupi. Passaram no Porto. Isso fica para os lados de Tocantínia. O povo do Gurupi estava bebendo cachaça [e] começaram a ameaçá-los. Ficaram com medo que os matassem e voltaram de noite. Mais para cá a febre deu em *Ropkur*. Aí chegaram na aldeia do Funil (xerente) e ficaram lá. O povo do Funil queria matá-los. Eu não entendo linguagem do xerente. Lourenção escutou e saiu deixando *Ropkur*, que não percebeu. Aí correu para Tocantínia. Sisto, cristão, o acudiu. Ele chegou no Tocantínia e Sisto acudiu Lourenço. A *Ropkur* não, porque passou por fora. Sisto arrumou caminhão, carta [pouco legível] para ele e ele veio. Aí o caminhão alcançou *Ropkur* e chegaram no Pedro Afonso de noite. Atravessaram o rio para Bom Jesus e dormiram na beira do Soninho. Depois chegaram no Itacajá e vieram para a aldeia. Lourenço e ele quiseram trabalhar no Itacajá. Mas *Ropkur* estava com febre e o patrão não quis aceitá-lo, Lourenção também achou melhor assim. Jonas [chefe do posto do SPI] deu remédio e a febre passou.

Já trabalhou no Itacajá, para o Deca, cortando taboca e fazendo parede de taboca, ganhando por empreitada 150 cr. Gastou duas semanas. Não dava comida. Gastou tudo em comida e não ganhou nada. Ele ficou devendo 8 cr. e nunca deu. Já foi há muito tempo. A aldeia já estava aqui. Aí é que começou a doença.

Outro índio velho, o finado Vicentão {1020}, ensinou o finado Anoro {1018} e o finado Anoro ensinou *Ropkur*, só mesmo remédio de cobra, mostrando-lhe raiz no mato e conhece a folha do remédio de cobra. Já curou muita gente. Já aprendeu com alguma idade. Anoro, *Tepjêt Hôcrow* {1018} (pai de Osias {47}), *Ropkur* acha que é irmão da mãe dele. *Ropkur* chama-o de *quêti*. Vicentão criou *Tepjêt* como filho. O filho do Vicentão era João Crioulo {1087}, pai do Zé Aurélio {138}.

Cascavel mordeu Vicentão. Aí Vicentão “morreu”. Aí eu não sei como foi. Depois Vicentão conversou com a cobra. Aí Vicentão levantou, não morreu não. Aí ele aprendeu o remédio de cobra. Foi cobra mesmo que mostrou os remédios para ele. Eu mesmo não vi, o povo que conta. *Ropcur* quando vê cobra o mata, mas cobra nunca o pegou.

Mas assim mesmo o povo fala que eu sou é curador. Só faço mesmo curação de cobra. Só estou ensinando a *Pôhykrat* {64} [filho do próprio *Ropcur*]. Há muito remédio de cobra. Quando cobra pegou o filho do P. Noletto {65}, *Crate* {183}³ (seu *ipantu*). Aí

³ Deve ser Domingos *Crate* {183}, que não é filho de Pedro Noletto, mas sim filho classificatório, pois é filho da irmã da mulher de Pedro Noletto. *Jajé* [Amazonas] {60} sim, é filho do próprio Pedro Noletto.

Ropcur tirou pau de raiz, raspou e a dor passou. *Jaje* {60} foi atrás de *Ropcur* lá no posto para curar o irmão. O Haroldo [Harald Schultz] estava aqui e viu.

Cascavel mordeu Aleixo {117} quando era pequeno. Cascavel miúda. *Ropcur* o curou. Recebeu uma galinha da mãe do Aleixo. *Crate* não pagou porque é *ipantu*⁴.

Pedro Pênõ {158}

Folhas avulsas, 1962.

Nasceu quando a aldeia estava no Jordão. Depois a aldeia mudou para o lugar onde está o Marcão. Neste tempo *Pênõ* era do tamanho de Osvaldo {171} [filho de *Pênõ* de uns 9 anos de idade]. A aldeia mudou lá mesmo. Aí dizem que outro índio pôs muito feitiço na aldeia e aí o mataram. Era o Chico Craô (Porá *Pôpcrê*) {1250}. Mataram-no Pedro Pinto (*Ipôj*) irmão mais velho do A. Pereira que o matou. Outros que ajudaram: *Trucat* {1251} (irmão da mãe de Rondon {22}) e o próprio A. Pereira {119}. Mataram-no dentro de casa mesmo. Neste tempo havia o tio Vicentão, Mané {1098} (primo de Vicentão, *Mampôc*), Feliciano {1195} (primo de Vicentão, *Côcaquê Hôrhê*), Ambrósio {1092} (irmão do Vicentão, *Krôkrôc*, que deu nome a *Pênõ*), Vicente Magro {1095} (primo de Vicentão, *Ipêrxwa*). Foi este que mandou matar o Chico Craô. Matou de cacete. O Vicentão o chamou para fazer-lhe curativo. Aí já estava tudo combinado com “soldado”. Depois ele chegou, descansou um pouco, estava curando o tio Vicentão e aí veio *Ipôj*. Vicentão estava deitado. *Ipôj* chegou com o machado e ficou. Aí foi no rumo com o machado, a vítima estava de costas. Aí o derrubou de machado, puxou para fora e acabou de matar lá fora. Cada um deu-lhe uma pancada na cabeça. Todos de machado. Aí o *Trucat* (que era irmão de *Tepcaprêc* {25} e morreu agora mesmo aqui nesta aldeia) [frase incompleta]. Por causa disso quase brigavam com o pessoal no Canto Grande. O Chico Craô foi chamado lá na outra aldeia.

Depois a aldeia foi para o Morro do Fio. Quase brigava por causa do Chico Craô. Mas sempre quietou. Depois a aldeia veio para o Vão do Zacarias. Aí mataram o Rodrigo, que era xerente. Alfredo (*Pacajhê* {1236}, irmão do Gabriel {33}) e o tio do *Pêmprô* {42} (*Xoco Pêmprô*, irmão de Antônio da Silva {233}, de Canto Grande). Mataram porque Rodrigo é xerente e o pai dele era feiticeiro e matou muito xerente em Tocantínia, ou Panela de Ferro, não sabe onde. Correram de lá. Passou cinco anos nesta e voltaram para lá. Depois veio o Rodrigo e casou aqui. Aí o Zé Grande veio e casou com outra mulher. Aí o Rodrigo estava tomando a mulher do Zé Grande aí o Zé Grande zangou. Aí o Rodrigo foi para Carolina para o pai dele para trazer remédio para ensinar. Aí o Zé Grande já estava sabendo. Quando veio o pai de Rodrigo, Zé Grande mandou outro xerente vir com ele por uma carta. No meio do caminho para cá de S. Roque aí quebraram o pai de Rodrigo. Foi o pai deste João Paulino {181} que está aqui que mataram [matou]. O pai dele vinha trazendo uma cumbuquinha de remédio. Convidaram para pescar. Tiraram a cumbuquinha viram e guardaram outra vez. Quando ele veio deram pancada na cabeça, outro ponta de faca na goela e outro ponta de faca no peito. Aí carregaram e o jogaram numa grotá. Quando chegaram fizeram uma festa na aldeia daqui. Aí enganou o povo do Canto Grande: veio Rodrigo mais os companheiros. Aí cortaram uma tora. No caminho ajuntaram, ajuntaram aí chega o Rodrigo, derrubam-no e deram cacetada no peito. Aí enterrou e aí foi uma briga mesmo. Quase brigaram o povo do Canto Grande com o daqui. O Zé Grande morava no Canto Grande. Foi o povo daqui que liquidou o Rodrigo mandado pelos mesmos xerentes.

⁴ *Ipantu*: recebeu nome de Ego, ou tem o mesmo nome de Ego.

Há pouco tempo mataram o pai de Zezinho {133} no Ambrosinho. Ele fazia “porquera” aí com outro e aí mataram. Quem matou foi *Hôjhe* {1066}. Foi uma mulher que mandou matar. Foi a sogra de *Hôjhe* mesmo que mandou. Derrubou de tiro e partiu a cabeça de facão. Ele tinha ido cortar madeira aí o assassino o derrubou.

No tempo da morte de Rodrigo esta aldeia estava no Vão e a Cabeceira Grossa estava a uma légua da aldeia. Por causa da morte de Rodrigo afastou para Cabeceira Grossa propriamente dita.

Caderno K4, pp. 50-56, em 18-1-1965.

História de vida de Pedro *Pênõ*

Nasci, não sei o mês de meu nascimento porque meu pai não sabia contar. Só sabia contar a idade do menino pelas roças. Foi na aldeia do Jordão. De primeiro eu morava lá perto do Jaó. Com a idade de *Cacôxên* {124} [uns sete anos de idade], a aldeia mudou para cá, para Pedra Branca. Numa tapera eu já estava no tamanho do Pedro {171} [ou Osvaldo, uns 12 anos de idade]. Não sabia de nada. Só pensava como essa gente grande fez casa, como é que mata, tinha medo dessas coisas. Quando outro matava tamanduá, ficava olhando o bico grande, a unha grande e pensava que quando crescesse talvez não pudesse matar. Meu pai dizia que o bandeira era valente, que o caçador devia esconder-se atrás de um pau para matar quando passasse. Nessa aldeia mesmo já estava do tamanho do Sorrão {155} [uns 17 anos de idade]. Gostava de pôr arapuca para pegar jaó. No verão havia frutinha que o passarinho gosta de comer. Ficava lá de arquinho, esperando passarinho chegar e matava. Ia de manhã e esperava passarinho até meio-dia. Voltava para casa com dez passarinhos. No outro dia vinha jacu. Flechei o jacu, ele caiu e correu. Eu corri atrás até que o pau enganchou na ponta da flecha. Aí peguei-o e matei. No outro dia eu [p.51→] fui para o mato. Quanto ia caminhando eu vi um jabuti. Não sabia conhecer essas caças. O jabuti estava roendo coco. “Que caça é esta? Nunca vi esta caça! Talvez seja corredor! Como é que eu faço? Quando dá fé eu flecho! Mas a casca é dura!” Pus uma flecha e ela resvalou. Fui buscar minha avó que estava quebrando coco. Explicou-lhe como era o bicho. “Que é isso”, disse ela, “será tatu ou jabuti.” Fomos chegando perto devagarinho e ele ainda estava comendo. A avó veio com o machado. “Ele tem rabo comprido?” “Tem rabo, quando está caminhando tem rabo, quando está comendo não tem rabo.” A avó olhou e disse: “Ah este é jabuti, e é ruim para correr. O que corre é peba, tatu.” Aí o levamos para a aldeia, para a casa. Pensava: “Como é que vão fazer com essa caça.” Minha avó fez moquéim e quando prestou, cortou-o com o machado, destampou-o, viu os ovos, havia muitos ovos. Não sabia o que era. “Isto é ovo!” Fiquei sem saber. Ela tirou o fato, pôs massa e moqueou e tapou bem. Passou tempo e aí tiraram. Aí comi ovo. Aí fiquei, fiquei. No outro dia fui para o mato. “Se eu ver um jabuti eu mato, porque já sei. Aí vi um peba. Fui devagarinho na direção do peba. Aí pulei, montei em cima. Eh, mas pelejei! Não sabia matar caça. Queria quebrar o pescoço. Aí furei os olhos com a ponta de flecha e [p. 52→] levei vivo para a casa. Aí me ensinaram que quando se pega um peba, pega-se pelo rabo e arruma-se num pau e aí ele morre. No outro dia eu fui para o mato. Aí já estava ficando rapaz maior. Flechei um veado mateiro. Derrubei de flecha. Porque já tinham-me ensinado o lugar de matar. Aí fui buscar meu tio para ajudar porque era pesado. Esse tio era José Pinto Velho {1158}, pai de Marcão {195}. Aí fui indo. Agora já conhecia caça. No outro dia eu fui. Aí havia muito veado. Nesse tempo não tinha *catôc* [espingarda], mas eu sabia usar arco e matava com o arco. Eu fui outra vez e enxerguei no campo uns cinco veados campeiros num campo. Eu fui chegando de perto e cheguei pertinho, atrás de uma moita. Aí o veado vem chegando. Aí puxei linha de arco e flechei e o veado correu duro e caiu lá longe. Eu peguei rastro, fui rastreando até encontrá-lo. Agora eu levei veado. Era campeiro. Já tinha matado dois

veados. Aí eu já estava gostando de caçar. Todo o dia eu caçava. Aí foi indo até que fiquei rapaz refeito. Aí fomos caçar anta. Nesse tempo era só com arco. Eu fui com o pessoal todo. Chegamos num carrasco e a anta entrou. Dentro do carrasco. Eu fui ficar na carreira, esperando. O dono do cachorro entrou. Espantou. A anta veio na carreira. A anta passou e eu [p. 53→] flechei no sovaco. Matei outra anta outra vez de flecha. Só de flecha, eu derrubava de flecha. Eu aprendi então a caçar, a matar toda a caça. Mirola, pego tatu, pego peba, pego rabo de couro, e matava toda coisa. Aprendi mesmo de matar. Depois eu achei um tatu canastra. Eu rastejei, rastejei, fui logo para a serra, porque ele gosta de estar na serra. Fui rodeando, dentro do mato e achei o lugar de cavar. Acendi fogo, um feixe de palha e pus. Aí fui cavando devagar, destapando de vagar até dar no canastra. Bati, bati a fumaça, aí ele apagou fogo com areia, com barro. Não morreu aquele canastra. Pelejei até de tarde. Escureceu e fui embora. No dia seguinte, pelejei até anoitecer. Aí contei para o povo: “Eu vi um canastra num buraco e pelejei para matar de fumaça. Como é que mata; vocês dizem que mata de fumaça?” “Eh, nós vamos, nós sabemos, você não sabe não.” Levei o pessoal na toca. “É aqui.” “Oh, quando dá fé já de [pouco legível] fundo; você podia fazer assim.” Aí pelejamos com aquele canastra. Já fiquei mesmo zangado com aquele canastra porque já estava com dois dias. Aí peguei na faca e entrei atrás. Briguei muito com o canastra; quando punha faca ele desviava. Destapei bem destapado, aí pus fumaça e ele morreu. Eram umas cinco horas. Nós repartimos e carregamos. Aprendi mesmo caça e aprendi [p. 54→] a fazer esteira, porque esteira é o homem que deve saber, pois senão não faz cama para a mulher. Quando já estava de idade do Emiliano {167} [uns 21 anos de idade], aí me casei, já sabia tudo, fazer esteira, trabalhar na roça. Aí fiquei governador do pátio. Fiquei governando o pessoal no pátio, para a caça, para serviço, para toda coisa. Todo dia eu estava aí no pátio, distribuindo o pessoal para fazer aquilo, outro vai, foi indo até quando Zé Cadete {89} era rapazinho a mulher me largou, foi-se embora para outra aldeia. Casei-me de novo, governando ainda o pátio e quando nasceu Emiliano, Martim {73} e Paulo {17} e Osvaldo {171}, quatro filhos, cinco com Zé Cadete eu não queria mais. Aí eu deixei de ser governador. Passaram só uns três anos e aí eu passei para chefe. O Joaquim {106} queria ser chefe, mas o *mêhim* não quer. Eu já ia deixando para ele. Mas eu soube que ele estava querendo me tirar. Aí eu fiquei assim e pensei: “Vou ficar mesmo e vou ver se ele é mais forte e me tira.” Aí escrevi para Goiânia e estou sempre como chefe. O povo não quer ele como chefe, ele bebe cachaça e fala toda coisa.

Eu mesmo aprendi a fazer esteira, vendo os mais velhos fazer. No começo eu tirei as palhas, pus de molho. [p. 55→] Fui no mato, fiz torno [pouco legível], pus a corda e as embiras todas. Aí apanhei uma esteira velha e olhando fui fazendo a esteira nova. Fui fazendo assim até que terminei de fazer. Quando terminei, pus outra de novo. Aí fiz. Aí depois fiz outra e aí já fui sabendo de tudo como é que faz.

Os *cajpo* foi minha avó Joana que me ensinou a fazer. Ela veio e me ensinou. Aí fiz. Fiz outro, outro. Fiz cinco vezes e aí eu sabia fazer. essa coisas ninguém me ensinou, mas os outros aprendem com outros. Amarravam aquele que não sabia no pau pelos braços, pescoços e pernas até que soubessem fazer.

O sogro e a sogra quando quer ele casa com filho. Arruma comida e paparuto e vai levar. Chega na casa da mãe do genro, entrega o paparuto para a mãe, ela recebe e aí pegam a falar que querem que o rapaz case com a filha. Aí casa. Fazem paparuto pequeno. Quando é abril, que é o tempo de *Pàrti*, da batata, a mãe da moça faz paparuto maior e a mãe do rapaz fazem paparuto grande e nesse dia eles trocam o paparuto.

Foi Alfredo {1236} que levou paparuto na casa da mãe de Pedro *Pênõ*. Da parte do *Pênõ* foi o Marcão {195}. Marcão era do tamanho do Emiliano.

Meu sogro era muito preguiçoso. ele falava de mim. A filha dele não aguentou mais o soco do pai e aí se despachou [p. 56→] para a aldeia do C. Grande, ficou lá e eu fiquei aqui.

Aí *Jut* {148} levou paparuto. Ela combinou com minha mãe. Porque quando vai mulher combina com mulher, quando vai homem, combina com homem.

Eu quando me casei, era assim. Primeiramente eu gostei da mulher, e sempre vai e conversa e aí a mãe e pai estão vendo e assim já sabem que vai gostar mesmo, que vai casar mesmo.

Davi {172}

Caderno R5, pp. 5-8, em 27/2/1967.

Nasceu em *Pyhcôti* (porque tinha muito urucu [*py*]) perto da Ventura. O pai casou duas vezes. A primeira mulher já tinha *Ajprukwôj* {1040}. Depois teve José Pinto {150}, Marco {195} e Davi {172}. A mãe de Davi, depois que o pai a deixou, não casou mais. O velho Manezinho {1071} (pai de *Pênô* {158}) casou com *Ajprukwôj* e ficou pondo roça. A mãe de Davi, *Cwôrcà* {1086}, trabalhava com *Pôxên*, irmã. E também com *Pahïc* {1097}. Eram solteiras. *Pôxên* era mãe de *Pahïc*. José Pinto era do tamanho de *Hahàcre* {89} [uns 25 anos de idade] e ajudava Manezinho na roça. Cresceu mais, Marcão cresceu mais e puseram roça separado. Hoje o índio casa cedo. Antes, só com 25 anos. Quando a aldeia estava em Pedra Branca, fizeram *Ikrere*, mas Davi já estava casado, já tinha sua filha, não puseram [puderam] botar [colocá-lo em reclusão]. Nesta festa prenderam: irmã da mulher de Davi (*Côm – ikrere cahâj*) e *Crôcari*, filha de João Delfino {201}. Os homens foram Aniceto Velho {10}, *Mampôc*⁵, *Cutàcre* {77}, Paulino (cunhado de Davi, já morreu), *Atôrco* {138}, Manoel Arroz⁶, *Crwakraj* (Amaro) {185}, *Tepjêt* (R. Agostin) {127}, os outros morreram. Patrício {1} ia olhá-los todo o dia de manhã. O *patre* era o finado Marquinho {1024}. Não fizeram mais *Ikrere* porque *Pênô* não tinha legume. Manezinho é que mandava, porque José Pinto era novo, saía muito. O velho Manezinho era xerente, era meu pai, se tivesse vivo eu o ajuda-[p. 6→]ria. Tratava-o meu pai porque foi quem me criou. Brincava com Pedro *Pênô*. No dia que *Corêr* {160} (+ velha *Pênô*)⁷ casou, casou também José Pinto. Quando Davi casou, Manezinho ainda era vivo. O velho Manezinho não sabia fazer esteira. O José Pinto é que ensinou a fazer esteira, fazer roça. O Marcão também ensinou. Só casa quando sabe tudo. Senão, para que casar? Só para malandrar com mulher? Não cuida da mulher.

Primeiro Davi escolheu a mulher, se interessou. Falaram de casamento. Depois pediu ao sogro; depois a sogra combinou com o marido dela e deram licença de casar. A mãe de Davi também deu licença. Manezinho não falou nada, pois não tinha direito de falar porque não era seu pai, embora o tenha criado.

Acompanhava o sogro no serviço. Quando a gente não tem filho, acompanha o sogro. Aí o sogro vai sabendo minha opinião e aí o sogro diz para a filha: Olha esse rapaz é bom, você segura ele, porque quando eu morrer ele toma conta de minha casa. Assim, o sogro ia caçar e o mandava ir para a roça; num outro dia Davi ia para a caçada e o sogro para o serviço. Num outro dia, os dois iam para o serviço: isso ocorria quando havia carne.

⁵ *Mampôc* faz parte do conjunto de nomes de José Pinto {150}. Um outro *Mampôc* {189} é irmão de Pedro *Pênô*, logo sobrinho materno de José Pinto. Não sei a qual dos dois Davi se referia.

⁶ Não encontrei em minhas notas outra referência a Manoel Arroz; somente a André Arroz {1023}. Mas este último era pai de *Cutàcre* {77}, e não poderiam os dois estarem reclusos no mesmo rito.

⁷ Suponho que o parêntesis queira dizer “irmã mais velha de *Pênô*”.

O sogro tinha Serafim, Paulino, Xogó, *Côm*. [p. 7→] O marido de *Côm* era Esteves. Esteves pôs a roça só uma vez com Davi, mas aí *Côm* morreu. Os irmãos da mulher eram rapazinhos, mas eram malandros, ao meio-dia vinham embora e Davi ficava. Quando eu chego com espingarda eu dou para eles. O facão eu dava. Eles não pediam, mas eu mesmo dava. Eu trabalhava com a ferramenta de meu sogro. Eu não tinha porque entregava tudo para o cunhado. Quando os cunhados casaram, espalharam, as ferramenta que eu comprara ficaram para mim, para meu genro. Tenho ainda João Delfino {201}, mas não dou mais nada, pois tenho família grande. João Delfino pede algum pedacinho de fumo. Mas se não tiver não dá. Mas Davi não pode pedir para João Delfino, porque faz vergonha. A mãe de Ambrosinho {221}, *Crôcari* {1053}, era irmã do sogro de Davi. Também Santana {1126}. Gregório {1048} também era irmão do sogro. Chamava *Crôcari* e Santana de *hoxwyjê* e Gregório de *crātumjê*.

Agora eu estou ficando mais velho, quando adoecer, o genro é quem trabalha. Enquanto eu estou vivo, mando tanto no *Jarpôt* {175} quanto no *Hahàcre*. Quanto *Jarpôt* fizer negócio noutra casa, e não quiserem pagar, eu vou lá falar, receber. Davi fez *Pêmpcahàc* e *Kêtwajê* muitas vezes. Deixou de fazer quando casou. No *Kêtwajê* e no *Pêmpcahàc* a meninada não vai para o pátio. Fica atrás das casas. Começou a caçar quando estava no tamanho do Pedro [Osvaldo] {171} [cerca de 14 anos de idade], filho de *Pênõ*. Acompanhava Manezinho, o irmão, o pessoal. Foi neste tempo que começou a tra[p. 8→]balhar na roça. Tinha dia que ia na casa de Manezinho, ora na de José Pinto {150}, junto com Pedro *Pênõ*. O Krató {177} está nessa idade, eu ainda não pus no serviço, porque ele é meio surdo e meio besta, mas é interessado. Quando eu vou ele pede, mas eu digo que não pois você vai cortar seu pé, você precisa crescer mais um pouquinho, eu sei que você não vai ficar como preguiçoso.

Foi Marquinho {1024} que furou a orelha de Davi. Ele tinha a idade de *Quinquin* {15} [uns 12 anos de idade]. Davi não teve medo. Queria, via os outros com a roda e se interessou. Depois foi apontar os dentes, só os inferiores. Faz com uma faquinha e batendo com um ferrinho. Depois passam a lima triangular e alisam tudo.

Aldeia mudou do Ventura para a Pedra Branca, depois para o Vão do Zacarias, depois para o outro lado do ribeirão dos Cavalos, depois para o Posto. A aldeia partiu perto do Mangabeira [apelido do vaqueiro do SPI].

Quando nas caçadas coletivas, escolhia João Silvano {1007}, Esteves {53}. Ambos eram seus *ikhyônõ*, porque gostava deles.

Gabriel {33}

Caderno R5, pp. 9-10, em 27/2/1967.

Tinha uns dez anos quando o pai morreu. Foi criado pela mãe da mãe (Cesária Homren)⁸. O marido era Zé Grosso (*Capru Côtêtet*) {1252}. Criou também Alfredo {1236} [irmão de Gabriel]. Zé Grosso era pai da mãe. [Gabriel] Casou primeiro com parente de *Jut* {148} e nasceu *Hôjat* {126}. A mulher morreu. Casou com a mãe de Aloísio {35}. O casamento com *Icrorkwôj* {1105}⁹ foi arrumado pelo pai [dela], Silvano (*Joj*) {1106}. Tinha dois homens e três mulheres¹⁰ — *Partuc* {148}, mãe de *Hôjat* e mãe

⁸ Segundo outras linhas de informação, a mãe da mãe de Gabriel seria *Xatôn* [sinhá dona] *Nimôc* {1162}, casada com o Major Tito {1163}. Não sei se é a mesma Cesária *Hômrên*. Vale notar que designa-se como *hômren* alguém que ocupa uma posição ritual muito prestigiada. Mas o marido da avó materna indicado por Gabriel era Zé Grosso.

⁹ Trata-se ainda da primeira mulher, mãe de *Hôjat*.

¹⁰ Refere-se ao grupo de irmãos a que pertencia a primeira mulher.

de Aleixo. O finado Silvano não presta, não trabalha, Gabriel criava Esteves. Tinha outros genros: Bento {1108}, *Pôxô* {1109}. Mas Gabriel saiu porque a mulher morreu. Não pediu nada ao despachar. Gabriel trabalhou e entregou a roça. *Hôjat* foi criada pela mulher de Silvano.

Depois casou com *Pôjoj* {1014}. Foi ela que arranjou. O sogro era Raimundinho (*Ropcran*) {1113}. Era trabalhador. Os irmãos da mulher eram Pedro Noleto {65}, Esteves {268}. Eram pequenos. Quando João Borges {215} estava durinho, nasceu *Tucapry* {35}. Quando Gabriel foi a Goiânia, Raimundinho¹¹ trouxe uma espingarda, machado, enxada, facão, entregou tudo ao sogro. A espingarda Raimundinho entregou para o Lourenço (irmão de Pedro Noleto). *Pôjoj* era a mais velha de todos. Depois vinha Pedro Noleto. Ninguém ensinou a Gabriel a fazer esteira. Aprendeu olhando os velhos no mato. Fez primeiro esteira [p. 10→] pequena, depois grande. Ninguém ensinou a caçar, a fazer roça.

A irmã da mãe de Gabriel casou com um homem. Este é que lhe ensinou. Um dos filhos deles era *Wacrêr* {186}, mulher de Amaro {185}. Ele é que trabalhou porque o avô de Gabriel estava velho. A avó aconselhava Gabriel a trabalhar porque quando casasse teria de trabalhar e não tinha pai para lhe dar de comer.

Gabriel só fez roça sua quando casou. Antes só ajudava.

Lourenço {75}

Caderno R5, pp. 11-13, em 1/3/1967.

Nasceu no Galheiro. Veio pequeno. Ganhou nome Serekruzané [nome xerente], nome do pai do pai do pai. Aqui recebeu nome do irmão da mãe: *Rôrehô Harecaprec Hàca*. Casou com *Crancre* (filha de Benjamin, está em Tocantínia). Teve uma menina e morreu de parto. A menina morreu também. Depois casou com a atual. Primeiro pediu para casar com ela e ela não quis. Aí foi aonde o Marcão está morando: Anastácia (*Piêtyc*) {1168}¹². Um caboclo de Porquinhos falou com a mulher para aceitar com a mulher. Lourenço falou com Marquinho {1024}. Este disse que ele deveria entender com a mulher primeiro. Ele conversou e juntaram. Marquinho que mandava na casa. Não falou com Manoel {77} e nem Gabriel {33}. Gabriel, Manoel, Marquinho, *Crâcuxôt* (Luís Cavalcanti {1056}¹³, canela) conversaram. Marquinho era casado com *Pôcutô* {91}. Marquinho não é pai de Manoel {77}. Lourenço dava comida para Marquinho. Lourenço trabalha para a mulher, dá-lhe panelas. As panelas são da mulher. As panelas são da mulher, ela arruma com os outros. Quando casou, *Côham* {1025} estava casado com *Crâmpej* {79}. *Côham* mandava mais porque estava há mais tempo na casa. *Côham* morreu primeiro. Depois Marquinho. Não fazia roça com Marquinho e nem *Côham*. Mas Lourenço ia por seu gosto. Lourenço não ajudava na roça, mas dava de comer, dava caça. Quem enterrou Marquinho foi Lourenço e Manoel.

[p. 12→] *Ituàp* {80} não falou com ninguém para casar. *Ituàp* não ajuda, não dá caça. Manoel come na casa de Lourenço. *Hahàcre* {89} não falou com Lourenço para casar. *Hêrniã* {90} falou com Lourenço, *Pôcutô*, com mulher de Lourenço, com *Crâmpej* não. *Pênô* {158} falou com a sogra e depois com Lourenço. Não pediram nada. Lourenço

¹¹ O nome de Raimundinho aqui está a mais, pois ele era o sogro de Gabriel e que recebeu o que este trouxe da viagem.

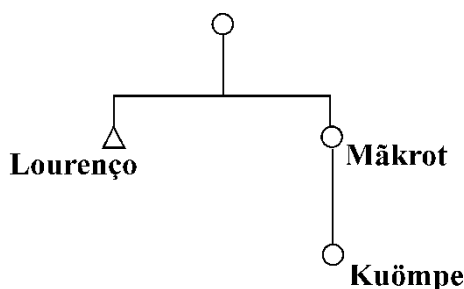
¹² O texto é demasiado sucinto. Anastácia não era uma mulher pretendida por Lourenço. Ela era irmã de Lourenço. Provavelmente ele quer dizer que foi morar na casa dela.

¹³ O Luís Cavalcanti presente na lista que preparei com dados sobre as pessoas craôs tem o nome de *Xycyc*, o que não exclui a possibilidade de se chamar também *Crâcuxôt*.

não pode pedir a *Hêrniã* porque é ele que está ajudando. A porca de Lourenço já deu cria três vezes. Divide sempre as crias pelo pessoal. Só dessa vez ele ganhou. Na primeira vez a porca teve cinco, na segunda seis e na terceira dez.

Lourenço morou na aldeia de Secundo {1039}. Não furou a orelha. A mãe queria, mas Lourenço não quis.

Îkiêtyc {146} não falou nada com Lourenço para casar com *Cuýmpê* {19}. Só falou com Rondon. E Lourenço é tio de *Cuýmpê*:



Îkiêtyc chama Lourenço de *ixûcupry* por ter o mesmo nome que seu pai. Para Lourenço *Îkiêtyc* é *cahcrit*.

Põcutô é “irmã” do pai de Lourenço. Por isso Lourenço casou com parente. *Põcutô* é “irmã perto” do pai [p. 13→] de Lourenço. Lourenço chama *Põcutô* de *tyj*; *Crâmpej*, *iprô*; *Hêrniã*, *itamxua* (não o chama de *impýjê* porque é sobrinho); *Harêkwôj* é *ikra*; Manoel é *itamxua*. O pai de *Puque* {1150} (pai de Lourenço) é pai de *Põcutô* também. A mãe, Lourenço não sabe.

Pedro Noleto {65}

Caderno R5, p. 14, em 2/3/1967.

Sua primeira mulher morreu no ataque do Mundico. Estava grávida. O pai e o tio não queriam que ele casasse fora. *Hapôr* {1084} não quer[ia] deixá-lo ir embora. Porque era trabalhador, caçador. *Cucrã* {358}¹⁴ falou com a sobrinha. *Cucrã* tinha como irmãos *Pyrypôc* {1147} e *Kris* {1139}, que já morreram. O *Cucrã* é aleijado porque quebrou a perna em corrida de tora.

Hapor e *Cucrã* conversaram com a filha de Pedro Noleto. Marcão {195} falou com Raul {67} e aí casaram.

Pedro Noleto e Amaro {185} arranjam o casamento de Amazonas {60}. *Krôkrôk* {58} é que falou com *Hôhôm* {61} e ela casou com Amazonas. *Mrãjti* {57} é tia de *Hôhôm*.

¹⁴ O nome *Cucrã* aparece em minhas anotações atribuído a Amaro {185}. Mas aqui neste texto parece referir-se ao tio materno dele, Joãozinho {358}, pois este é que é aleijado. Como Amaro é chamado pelo mesmo conjunto (ou um dos conjuntos) de nomes pessoais, nele deve estar incluído também o de *Cucrã*.

Esse breve relato de Pedro Noleto fica mais claro se lembrarmos que ele está falando de quatro casamentos diferentes. No primeiro parágrafo conta como se casou com a irmã da esposa que ele perdeu no massacre de 1940, pois seu sogro, *Hapôr*, e *Cucrã*, o tio materno da falecida, não queriam que ele deixasse a casa. No segundo parágrafo conta como se arranjou o casamento de uma de suas filhas com o seu genro mais antigo, Raul. O terceiro parágrafo se refere ao casamento de seu filho, Amazonas. E o quarto parágrafo alude ao final do casamento de *Pocroc* com uma outra de suas filhas.

Não está zangado com *Pocroc* {18} por deixar sua filha, nem *Cucrã* está porque não foi ele que arrumou casamento. Foi Raul que conversou com *Junkwôj* {71} e arrumou casamento. Agora Raul falará com Aleixo {117}.

***Caapakwôj* (Jacuí) {59}**

Caderno “Viagens”, pp. 75-80, em 1/12/1962.

Não tem nome xerente. Nasceu em Tocantínia em 10 de abril de 1939. O pai era xerente, era chamado Supriano. Não conheceu a mãe. Diz *Mrãjti* {57} que a mãe dela morreu e o pai a deu para as freiras de Tocantínia. Viveu no convento, era malcriada, as freiras são danadas para bater; a freira que era xerente era valente. Chamava-se irmã Sebastiana (Kukedi, no xerente, sendo o nome civilizado leigo Sebastiana). Eram freiras dominicanas. Não havia outras meninas no convento. Foi primeiro a São Paulo, onde ficou cerca de um ano no Colégio N.S. de Lourdes. Gostava muito de uma freira chamada Madre Tereza; quando esta foi a Piracicaba, *Caapakwôj* chorou muito. Depois quando Madre Tereza foi para Goiânia, *Caapakwôj* foi junto. Estudou em Tocantínia, mas a cabeça era dura; em S. Paulo fez o 1º ano; em Goiânia ia do 1º para o 2º, do 2º para o 1º. Aí deixou. Em Goiânia aprendeu arte culinária com Irmã Lourdes no colégio de Sta. Antoninha. Irmã Lourdes era boa, ensinava às moças arte culinária e *Caapakwôj* ia ver. Aprendeu a fazer pizza napolitana, capeleti, ravioli, inhoque, pastelão, quibe, empadinha, cuscus, bolos. Aulas [p. 76→] aos sábados, 3^{as} e 5^{as}. Quando aprendeu bem, no dia em que a Irmã não ia *Caapakwôj* ia; já sabia mais do que ela. Aí no Vau [Itacajá] de vez em quando a chamam para fazer as coisas: no casamento do João Silva ela fez as coisas: risoto, muitos doces, pastéis, pães de minuto, creme de maizena, o bolo do casamento. No casamento da Isa, filha do Pedro Baiano, fez o bolo do casamento, cuscus, arroz de forno, pastéis e [o]meleti. Ficou uns quatro anos em Goiânia e saiu de lá em 1952. Saiu de lá porque as freiras eram danadas para surrá-la, porque era malcriada: não queria fazer as coisas que elas mandavam: — Vai fazer isso! — Não vou!

Aí foi para o Bananal; a Inspetoria mandou-a para lá. Foi ao Governador Pedro Ludovico e disse-lhe que queria vir embora para a aldeia, não queria ficar mais lá que as freiras eram danadas para surrar. — Ah, freira não é bom mesmo não! foi a resposta dele. E mandou uma carta para a Inspetoria [do SPI]. Encontrou lá com o Miranda; disse-lhe que queria vir embora. Ele arrumou pensão até que o avião da FAB levou-a para o Bananal. Foi para experimentar. Ficou no Bananal mais de um ano, com o seu tio Emiliano. Este tra-[p. 77→]balhava no Posto Getúlio Vargas. Não era empregado do SPI. Ele fez uma empreita lá, trabalhando na lavoura. *Caapakwôj* encontrou com ele lá. Morava não na aldeia, mas na casa dos trabalhadores, junto com o tio, a mulher dele, as filhas dele. Emiliano é filho do irmão do pai do pai de *Caapakwôj*. Quase não andava na aldeia. Não gostou de lá por causa das muriçocas e também não gostava dos índios, não tinha intimidade com eles e o tio também não queria que ela tivesse intimidade com eles.

Foi então para o Posto Vasconcelos, dos Caiapós, no Xingu. O encarregado era o Cavalcanti. Quando chegou lá não gostou de lá. Ficou na casa de Motxarê, chamado Uaruaré. Nesse tempo a aldeia estava em briga com os xicrins e o chefe não estava lá. Ficou um mês. Foi no ano de 1952.

Não gostou; foi para os tapirapés. Passou uns oito dias. Estava lá o encarregado Altino. Voltou ao Bananal. Daí saiu para Conceição do Araguaia. Ficou em Conceição uns cinco meses, de junho para julho. Ficou na cantina do bispo D. Luís Palha. D. Luís pagava uma velhinha para ensiná-la a fazer rede junto com duas tapirapés e uma carajá,

mas *Caapakwôj* não aprendeu rede. “Era uma moça, não [p. 78→] sabia onde ficava, não tinha juízo; juízo doido.”

Veio então no motor do Anísio Moura até Marabá. Daí foi a Itupiranga amansar os gaviões. Odilá Barreto convidou-a em Marabá para amansar os gaviões. Em Marabá estavam Miranda, Castelo Branco. Foram a Itupiranga. Tinham vindo à cidade Cacaraúna, e Warriti tinham vindo à cidade. Foram então levá-los de volta na aldeia, eram os primeiros que tinham vindo à cidade; foram então *Caapakwôj*, D. Nega, Odilá, Miranda e Castelo Branco. Era tempo da chuva. Eram 22 choupanas na beira de uma gruta, com onça rosnando em volta de dia. Da beira do rio até o lugar os índios, passaram em 12 lugares. Sem estrada. Só pique. A gripe estava acabando com eles. Mulheres parindo na lama. O menino nasceu na lama e não aconteceu nada; enrolaram [pouco legível] o umbigo na lama mesmo. — Se fosse cristão tinha morrido! Como Deus faz as coisas! Ficou mais de um mês na aldeia. Odilá de oito em oito dias mandava comida, sobretudo sardinha em lata. Viu morrerem nove. Havia dois mortos que estavam lá quando eles chegaram sem que ninguém enterrasse porque estava todo o mundo fraco. Odilá que mandou enterrá-los. Os nove mortos eram cinco adultos e quatro crianças. Fo- [p. 79→]ram enterrados como civilizados envolvidos em esteiras, à moda dos civilizados.

Foi para Belém. Foi no tempo do Natal. Encontrou lá com o João Canuto {428} na Inspetoria de Belém. João Canuto estava passeando. Saindo de Belém foram de novo aos gaviões: João Canuto, *Caapakwôj*, Odilá, Castelo Branco e D. Nega. Passaram lá 15 dias. Levaram carne de gado, porque não aguentavam mais comer sardinha. Só na beira do rio. Não viu morrer ninguém. Só viu nascer duas crianças, na primeira vez que foi aos gaviões.

Convidada por João Canuto veio passear aqui. Se não gostasse iria voltar para o colégio, mas gostou daqui. Primeiro foi para Cabeceira Grossa. Quando o Jonas [encarregado do Posto] chegou chamou-a para esta aldeia. *Caapakwôj* não ficou nem um ano em Cabeceira Grossa. O Jonas a chamou porque era conhecido dela de Goiânia. Chegou numa aldeia que estava então perto da atual roça de Chico Velho {112}. Diz que o primeiro nascido foi Chico Velho; depois o Chico Velho de Cabeceira Grossa; depois Bernardino {1082}; depois o Satiro {543}; depois *Irājaca*; depois *Krôkrôc*¹⁵. O primeiro filho recebeu o nome de *Tôtôt* de José *Ajêhi* {2}; o segundo, nascido em 3 de março deste ano recebeu o nome de *Tucapry* (do Aloísio {35}).

[p. 80→]O pai de *Caapakwôj* era primo carnal de *Mrãjti* {57}. Pedro *Pênô* {158} deu o nome a Maria da irmã dele que morreu que foi recebido da mulher {34} de Gabriel {33}. Desde pequena já em Tocantínia a chamavam de Jacuí.

[Tabela inicial](#)

[Sumário craô](#)

¹⁵ Essa enumeração é problemática. Chico Velho podia ser considerado um dos mais velhos craôs vivos no tempo desse relato, mas geralmente era o Major Chiquinho {} o lembrado como tal. Em Cabeceira Grossa não havia ninguém com o nome de Chico Velho; o mais velhinho era Luís Carvalho Velho {316}. Beranrdino já era falecido e Satiro era seu filho. Os adultos chamados *Irājaca* eram falecidos. Os *Krôkrôc* eram de meia idade, sendo que o jovem marido de *Caapakwôj*, José Paulo {58}, tinha esse nome pessoal. No parágrafo seguinte, *Caapakwôj* refere-se a si mesma como Maria.